



09 de Abril de 2015

EM DIA

UM PESO E DUAS MEDIDAS



PEDRO CEZAR DUTRA FONSECA
Professor Titular do Departamento de Economia e Relações Internacionais da UFRGS

Uma conjugação de motivos explica a intransigência alemã diante da crise da economia grega: pragmatismo (defender os empréstimos dos bancos financiadores), ideologia (apego a um hiperliberalismo de manual para principiantes) e política (sinalizar para os outros países do bloco que saídas “heterodoxas” não devem ser imitadas).

O atual governo grego quer abater da dívida empréstimos contraídos por imposição de Hitler, durante a ocupação nazista. Tarde demais. A elite grega do pós-guerra – um misto de armadores, proprietários de terra e burocracia predatória, em pacto abençoado pela Igreja Ortodoxa – nunca teve perspectiva nacional capaz de se mostrar ator relevante na reconstrução europeia.

Não esposou nenhum projeto desenvolvimentista ou alternativas modernizadas, como a industrialização. Governos autoritários, para buscar legitimação, ampliaram benefícios sociais. Daí a contradição: querer copiar, mesmo como caricatura, o

Estado de bem-estar nórdico com produtividade e nível de produção gregos.

A política recessiva imposta contrai a produção e eleva a relação déficit/PIB, ou seja, agrava mais o problema. Já a Alemanha esquece sua própria história: destruída na Segunda Guerra, reconstruiu-se e se tornou líder na Europa com a ajuda externa, predominantemente dos EUA.

A inflexibilidade de hoje lembra o que os vitoriosos fizeram com a Alemanha ao fim da Primeira Guerra

Em vez de austeridade, como tinha sido a política desastrosa imposta aos derrotados na Primeira Guerra, optou-se pelo crescimento; instituições de fomento como o Bird foram criadas para isso. A inflexibilidade de hoje lembra o que os vitoriosos fizeram com a Alemanha ao fim da Primeira Guerra, e não na segunda. Valeria olhar para trás e refletir sobre sua trajetória, seguindo o conselho sócrático de conhecer a si mesmo.